

Por uma educação interdimensional

“Mais do que uma época de crise, estamos vivendo a crise de uma época”. A relação do ser humano consigo mesmo, com os outros homens, com a natureza e com a dimensão transcendente da vida está passando por amplas e profundas modificações.

A razão analítico-instrumental dominante ao longo dos últimos séculos, que se iniciou no Renascimento e tornou-se força hegemônica a partir do Iluminismo para culminar na moderna civilização industrial, começa a emitir sinais de esgotamento. Este se revela na incapacidade da modernidade, nascida do Iluminismo, de cumprir as promessas que marcaram o seu nascimento: liberdade, igualdade e fraternidade.

A razão, a ciência e a técnica foram desenvolvidas e continuam se desenvolvendo cada vez mais, no entanto, basta assistir aos noticiários da tv para perceber o quanto nos afastamos desses ideais:

- *Na relação consigo mesmo*, o homem parece cada vez mais marcado pelo solipsismo, pela ansiedade e pelo medo, entregando-se aos anestésicos da cultura de massas.
- *Na relação com os outros*, o individualismo, a competição, a exploração e o uso instrumental do ser humano marcam as relações interpessoais, enquanto que, no plano das relações coletivas, dentro das nações e entre as nações, o cinismo e a força bruta parecem ganhar cada vez mais espaço.
- *Na relação com a natureza*, a quebra sistemática dos ecossistemas vai desequilibrando as bases dos dinamismos que sustentam a vida, gerando conseqüências como a diminuição da biodiversidade e os buracos na camada de ozônio, comprometendo o direito à vida das gerações futuras.
- *Na relação com a dimensão transcendente da vida*, verifica-se uma forte crise de sentido que resulta numa cada vez mais evidente perda de respeito pela dignidade e sacralidade da vida em todas as suas manifestações naturais e humanas. Ao mesmo tempo, vivemos também uma época de grandes oportunidades. Basta olhar atentamente ao nosso redor para percebermos sinais importantes:
- *Na relação consigo mesmo*, parece estar emergindo, com intensidade inédita na história, um desejo humano de autocompreensão, auto-aceitação, auto-estima, autoproposição e autodeterminação, na busca da auto-realização e da plenitude humana. Esse movimento reflete a busca pelo encontro do homem consigo mesmo como condição para encontrar os demais.
- *Na relação com os outros*, constata-se uma procura da resignificação dos laços interpessoais na família, na escola, no trabalho, nas relações afetivo-sexuais. Por outro lado, na vida social mais ampla, no plano das relações com o bem comum, a incorporação dos direitos humanos individuais e coletivos, como novo eixo estruturador dos processos de desenvolvimento, propicia o surgimento e a ainda incipiente, mas gradual, afirmação do Paradigma do Desenvolvimento Humano como a grande via para a construção de um progresso com um rosto verdadeiramente humano.
- *Na relação com a natureza*, a emergência do conceito de *sustentabilidade* vai fazendo surgir uma nova ótica e uma nova ética que tem como fundamento a noção de que cada geração deve legar às gerações vindouras um meio ambiente igual, ou melhor, do que aquele recebido das gerações anteriores.
- *No plano da relação com a dimensão transcendente da vida*, registra-se uma grande necessidade de sentido existencial. Pessoas, grupos, comunidades e organizações de todo tipo estão cada vez mais empenhados na busca de novas fontes de significado para o seu ser e o seu fazer neste mundo, isto é, para sua presença entre os homens de seu tempo e de sua condição.

Qual desses dois dinamismos prevalecerá? O *dinamismo dos riscos* é, nos dias de hoje, ainda claramente hegemônico, mas emite sinais de *caducidade histórica*. O *dinamismo das oportunidades* parece ser o portador do futuro, contudo ainda não demonstrou ter força suficiente para se impor nas relações do ser humano consigo mesmo, com os outros, nos planos interpessoal e social, nas relações com a natureza e com a dimensão transcendente da vida.

A real natureza da presente crise não é nem econômica, nem social, política ou cultural. A nosso ver, estamos diante de uma *crise ontológica*, isto é, uma crise que diz respeito ao ser humano em sua *totalidade irreduzível e complexa*. Minha tese básica é a de que os dinamismos econômicos, sociais, políticos e culturais que configuram a presente crise são manifestações derivadas de um conjunto de fenômenos; são sintomas de uma crise mais profunda, a crise resultante do *desequilíbrio do ser humano* ao longo do processo civilizatório.

A saída para essa crise ontológica deverá ser a busca de uma *integração equilibradora das diversas dimensões do humano*, que fomos buscar na “*infância feliz da humanidade*”, expressa na Paidéia, ou seja, nos conceitos e nas práticas que presidiram a construção do ideal do homem grego, os quais,

posteriormente, fundiram-se com os conceitos e as práticas do mundo judaico-cristão, dando origem à civilização ocidental. Estas dimensões são quatro:

1. o *logos*, a *dimensão do pensamento*, do conceito ordenador e dominador da realidade pela razão, ciência e técnica;
2. o *pathos*, a *dimensão do sentimento*, da afetividade, geradora da simpatia, da empatia, da antipatia e da apatia na relação do homem consigo mesmo e com os outros;
3. o *eros*, a *dimensão do desejo*, das pulsões, dos impulsos, da corporeidade, das emanações vitais básicas, do *élan vital*;
4. o *mytho*, a *dimensão da relação do homem com o mistério da vida e da morte*, do bem e do mal.

Para conhecer a si mesmo e o mundo natural e humano em que está imerso, ou seja, para acessar de forma plena a realidade de sua existência, o homem não pode valer-se apenas do conhecimento racional, da razão e do *logos*. Ele necessita, para empreender satisfatoriamente essa tarefa, abrir-se a outras formas de conhecimento ligadas ao *pathos*, ao *eros* e ao *mytho*, ou seja, ligadas às demais *dimensões ontológicas* (dimensões estruturadoras do seu ser).

Na modernidade, o advento da ciência e da tecnologia coincide com o surgimento do mercantilismo, após o declínio do mundo medieval, cujo eixo estruturador foi o *mytho*. Na nova etapa do processo civilizatório, o qual o marco instaurador é o Renascimento, o *logos* se concretiza e se expressa não mais apenas como exercício gratuito da racionalidade – como na filosofia grega –, mas colocado a serviço do poder econômico, militar e político necessário à afirmação, expansão e consolidação hegemônica da economia de mercado no mundo. Com a fragmentação do conhecimento em distintas ciências específicas, a razão se torna *analítica* (método científico). Com a sua aplicação prática, por meio das técnicas, na resolução de problemas reais, a razão se torna *instrumental*.

O importante é percebermos que a razão analítico-instrumental, por meio da ciência e tecnologia modernas, coloca-se, desde o início, a serviço do poder no processo de surgimento, afirmação e expansão dominante da economia de mercado. O *logos* (razão, ciência e tecnologia), que passa a dominar as relações dos homens entre si e com a natureza, está, ele próprio, dominado pelo poder de que se torna instrumento.

A ciência e a técnica, as manifestações preponderantes do *logos* na modernidade, se autoproclamam as forças redentoras da humanidade, a dimensão suprema de um novo humanismo. O *pathos*, o *eros* e o *mytho* são descredenciados e recalçados como formas legítimas e válidas de conhecimento, ou seja, de acesso do homem ao real.

Essas dimensões passam a ser consideradas elementos perturbadores da objetividade científica e tecnológica. A verificabilidade científica e a eficácia operatória tornam-se, assim, as manifestações mais elevadas da razão analítico-instrumental e inauguram – com a Revolução Industrial – a era de extraordinários avanços econômicos, sociais, políticos e culturais do mundo capitalista. O caminho desses avanços pode ser assim resumido:

- a *razão*, a *ciência* e a *técnica* como formas hegemônicas de conhecimento;
- a *democracia representativa* como forma de organização social;
- e a *economia de mercado* como forma de organização da esfera produtiva.

No campo filosófico, a expressão maior desse movimento foi o *Iluminismo*. Foram as idéias iluministas que embasaram conceitualmente o projeto político que resultou nas revoluções Francesa e Americana; idéias que deram fim ao poder absoluto dos reis em várias partes do mundo. E é no bojo desse processo histórico que nasce a escola moderna, os sistemas de *educação pública, gratuita, laica, universal e obrigatória*, que se expandem, junto com as idéias liberais, por todo o mundo.

A escola iluminista – como não poderia deixar de ser – nasce ligada à razão analítico-instrumental e torna-se, assim, a sua expressão máxima na formação de seres humanos para a nova ordem:

- É a escola onde o discurso deve prevalecer sobre o curso dos acontecimentos.
- É a escola onde os conceitos devem prevalecer sobre a dimensão simbólica.
- É a escola onde a mente deve prevalecer sobre o corpo.
- É a escola onde a racionalidade se sobrepõe aos sentimentos.
- É a escola onde o pensar normatizado não cede espaço à intuição.
- É a escola onde a docência deve prevalecer sobre a vivência.
- É a escola onde a impessoalidade das relações deve prevalecer sobre a presença, o encontro, a convivência.
- É a escola onde o coletivo deve prevalecer sobre as manifestações da individualidade.
- É a escola onde a mecânica estrutural e funcional deve prevalecer sobre a espontaneidade.
- É a escola onde a padronização deve prevalecer sobre a diversidade.
- É a escola onde a quantidade deve prevalecer sobre a qualidade.
- É a escola onde o viril deve prevalecer sobre o feminino.
- É a escola onde a teoria deve prevalecer sobre as práticas e as vivências.
- É a escola onde a palavra deve prevalecer sobre o gesto.
- É a escola onde o controle deve prevalecer sobre a liberdade.

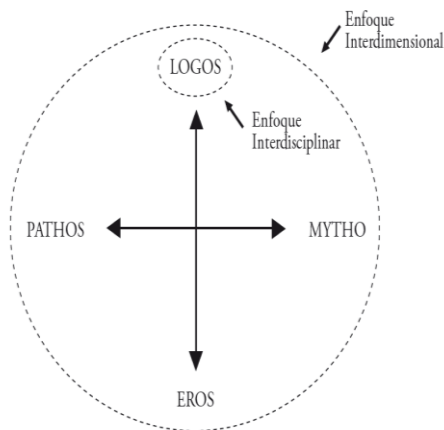
- É a escola, enfim, onde o *logos* deve, em tudo e em todos, prevalecer sobre o *pathos*, o *eros* e o *mytho*.

A escola que nos legou o Iluminismo já não dá conta dos desafios que, principalmente os adolescentes e os jovens, trazem para o seu interior. Ela já não consegue, com base na razão analítico-instrumental, vencer antecipadamente os desafios impostos pelos novos tempos. O grande equívoco dessa escola tem sido tentar superar esses desafios ao atuar nos limites do território do *logos*, fazer propostas de (des)fragmentação do conhecimento, buscar novas formas de relacionamento entre as disciplinas e trazer os enfoques multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar.

Nossa proposta é a criação de uma nova educação, uma *educação interdimensional*, que seja capaz de reequilibrar as relações do *logos* com o *pathos*, o *mytho* e o *eros* de forma mais inteligente e harmônica. Isso significaria recalcar a dimensão do *logos*? De forma alguma. Trata-se de abrir os projetos pedagógicos para outras dimensões do humano, acolhendo, valorizando e dignificando aspectos como a sensibilidade, a corporeidade, a transcendentalidade, a criatividade, a subjetividade, a afetividade, a sociabilidade, a convivência e tantas outras dimensões relacionadas com o *pathos*, o *eros* e o *mytho*.

Contudo, a razão analítico-instrumental, representada pela ciência e pela técnica, não pode, de forma alguma, ser desdenhada. Ela permanece indispensável ao lado das demais, mas não deve se sobrepor às outras dimensões do humano, como tem ocorrido até aqui. O enfoque interdisciplinar não dá conta da inteireza e da complexidade do desafio educacional de integrar as quatro grandes dimensões co-constitutivas do humano. É preciso desenvolver um enfoque interdimensional.

Do Interdisciplinar ao Interdimensional



Existem indícios de que isso possa vir a ocorrer algum dia? Sim. Os Quatro Pilares da Educação, do Relatório Jacques Delors - "Educação: um tesouro a descobrir" -, apontam na direção de um ensino capaz de superar suas próprias tendências e se abrir para práticas e vivências de sentido existencial, social, produtivo e cognitivo, de impacto mais abrangente e profundo.

Isso ocorre porque a compreensão de que os educandos devem desenvolver competências pessoais, sociais, produtivas e cognitivas permite que os educadores ultrapassem os limites do intelectualismo e abram-se para a necessidade de repensar o conjunto das oportunidades de desenvolvimento pessoal e social oferecidas às novas

Se quisermos desenvolver uma estratégia educativa com base nos Quatro Pilares da Educação, devemos ter em conta as *mediações* existentes entre a sua formulação inicial, bastante genérica (quatro grandes esferas de aprendizagem), e sua aplicação na ação educativa direta.

O caminho que vai da aprendizagem até sua aplicação prática passa pelo desenvolvimento de competências, pela adoção de atitudes e pela aquisição de habilidades, que são as mediações necessárias nesse processo.

A aprendizagem é o processo por meio do qual o educando interage, assimila, incorpora, compreende, significa e domina um conteúdo. Assim, refere-se a uma atividade de natureza interativa e aquisitiva. A competência não se reporta ao processo de aquisição do conteúdo aprendido, mas à sua utilização por parte daquele que o detém.

Trata-se, portanto, da capacidade de aplicar o que se aprendeu em esferas ou âmbitos específicos da atividade humana.

As atitudes referem-se ao modo básico como a pessoa se posiciona frente às diversas situações, dimensões e circunstâncias concretas de sua vida. A atitude é uma fonte de atos. Ela depende de como a pessoa compreende o contexto no qual está inserida.

Habilidade é o domínio, por parte do educando, do processo de produção dos atos necessários para a realização de uma atividade, a consecução de uma tarefa, o desempenho de um determinado papel interpessoal, social e produtivo.

Uma visão do todo

Quatro aprendizagens	Quatro conjuntos de competências	Quatro atitudes	Exemplos de habilidades
Aprender a ser	Competências pessoais	Autodesenvolvimento (Voltado para si mesmo)	<ul style="list-style-type: none"> • Autoconhecimento • Autoconceito • Auto-estima • Autoconfiança • Autonomia ☉ Etc.
Aprender a conviver	Competências relacionais	Alterdesenvolvimento (Voltado para o outro)	<ul style="list-style-type: none"> • Habilidades de relacionamento interpessoal e social. • As várias dimensões do cuidado.
Aprender a fazer	Competências produtivas	Desenvolvimento das circunstâncias (Voltado para a realidade econômica, ambiental, social, política ou cultural)	Trabalhabilidade: <ul style="list-style-type: none"> • Autogestão • Co-gestão • Heterogestão
Aprender a conhecer	Competências cognitivas	Desenvolvimento intelectual (Voltado para a gestão do conhecimento)	Habilidades metacognitivas*: <ul style="list-style-type: none"> • Autodidatismo • Didatismo • Construtivismo

* *Metacognição: aprender o aprender, ensinar o ensinar, conhecer o conhecer.*

Algum outro sinal importante aponta na direção da superação da hegemonia do *logos* na educação? Sim. Em algumas das melhores escolas do Primeiro Mundo, o ensino da arte começa a ocupar, nas propostas curriculares, um lugar semelhante àquele reservado às línguas, às ciências e às matemáticas.

Isso pode ser atribuído à importância que a *criatividade* vem assumindo na sociedade pós-industrial, tanto na esfera das relações interpessoais como na esfera da vida cívica (exercício da cidadania) e no âmbito da vida produtiva.

O que isso tem a ver com a educação interdimensional? Tudo. A resignificação da educação pela arte é um exemplo perfeito de como as dimensões do *logos*, do *pathos*, do *eros* e do *mytho* podem entrar na formação integral do educando, pois esse modelo de educação tem a capacidade de trabalhar conhecimentos, métodos, técnicas e também sentimentos, desejos, crenças, valores, significados e sentidos existenciais profundos, sem que qualquer dessas dimensões recalque e oprima as demais.

Como fazer isso?

Criando oportunidades educativas que permitam aos educandos envolver-se no fazer, no produzir arte e também no fruir, no apreciar as manifestações artísticas, de modo a desenvolver o seu senso estético e a sua criatividade nessa e em outras esferas do agir humano.

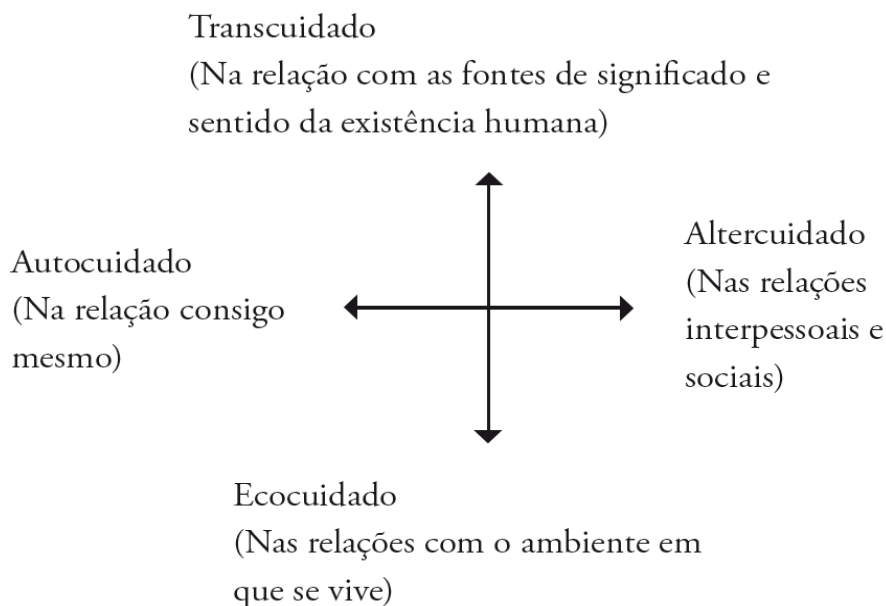
Como o senso estético pode ser aplicado em outras esferas do agir humano? A estética é a teoria das formas. O desenvolvimento do senso estético permite ao educando ampliar sua capacidade e seus recursos internos para “dar forma” a si mesmo e ao seu mundo.

Isso ocorre porque um senso estético ampla e profundamente desenvolvido cria condições para que a criatividade deixe de ser uma habilidade e torne-se uma atitude básica diante da vida. Esse é o grande objetivo da educação para a vida pela arte.

Na medida em que entendemos isso, podemos dimensionar melhor o alcance da afirmação de Máximo Gorki, famoso escritor russo: “a estética é a ética do futuro”. A ética é a teoria da ação. A estética, como ética, nos remete à possibilidade de o ser humano adotar uma atitude básica, uma postura, um posicionamento criativo diante da vida.

Ser de relações aberto em todas as direções, em que outros domínios o homem está sendo chamado a dar novas formas a si mesmo e ao mundo, mudando suas formas de relacionamento consigo mesmo, com os outros homens, com a natureza e com a dimensão espiritual da existência?

Isso ocorre na medida em que compreendemos a necessidade de assumir uma atitude de *cuidado* com a dignidade da vida em todas as suas dimensões:



O que nos autoriza a pensar que a educação interdimensional poderá contribuir para o enfrentamento da crise ontológica do nosso tempo?

Pensamos dessa forma devido ao fato de que a *educação interdimensional* forma um homem mais apto, essencial para a construção (tarefa de gerações) de uma sociedade, ou melhor, de um mundo baseado no Paradigma do Desenvolvimento Humano:

- A vida é o mais básico e universal dos valores.
- Nenhuma vida humana vale mais do que a outra.
- Toda pessoa nasce com um potencial e tem o direito de desenvolvê-lo.
- Para desenvolver o seu potencial, as pessoas precisam de oportunidades.
- O que uma pessoa se torna ao longo da vida depende das oportunidades oferecidas a ela e das escolhas que fez.
- Além de oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas.
- Cada geração deve legar às gerações seguintes um meio ambiente igual ou melhor do que aquele recebido das gerações anteriores.
- As pessoas, organizações, comunidades e sociedades devem ser dotadas de poder para participar de decisões que possivelmente as afetem.
- A promoção e a defesa dos *direitos humanos* é o caminho para a construção de uma vida digna para todos.
- O exercício consciente da cidadania é a melhor forma de os *direitos humanos* passarem da intenção para a realidade.
- A política de desenvolvimento deve basear-se em quatro pilares: liberdades democráticas, transformação produtiva, equidade social e sustentabilidade ambiental.
- A ética fundamental para pôr em prática o Paradigma do Desenvolvimento Humano é a co-responsabilidade.

A educação interdimensional encontra respaldo na LDB/9394/96? Sim. Basta ler com atenção o texto do seu artigo segundo: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

[...]

A educação interdimensional, portanto, é a educação necessária.

Parece que estamos diante de uma ideia cujo tempo chegou.

Um tempo de construção de uma educação integradora das diversas dimensões do humano.